

A filosofia cristã

- a Igreja Católica esforça-se para explicar a fé racionalmente -

1. Objetivos: este capítulo deverá levar os alunos a compreenderem a relação entre fé e razão, a partir da filosofia cristã de Agostinho e Tomás de Aquino. Deverão saber também algo sobre “livre arbítrio” e responsabilidade humana e como Agostinho e Tomás de Aquino trabalham a questão das leis humanas.

2. Desenvolvimento do tema

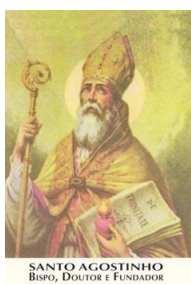
2.1. Império Romano Cristão.

Em 148 a.C. Roma conquista definitivamente o Império Macedônico, incluindo aí a Grécia. Quando começa a era Cristã, os Romanos dominam todo o Mediterrâneo e inicia-se uma violenta perseguição aos cristãos, muitos indo testemunhar a sua fé com o martírio no Coliseu. Em 313, um edito do Imperador Romano Constantino dá liberdade a todas as manifestações religiosas. Cessa a perseguição aos cristãos. Em 380 Teodósio declara o cristianismo como Religião Oficial do Estado. É o início da CRISTANDADE. Entre os representantes da filosofia cristã estão os pensadores Clemente de Alexandria, Orígenes, João Damasceno, Tertuliano, Boécio, Pedro Abelardo, Avicena, Averróis, Alberto Magno, Boaventura, Duns Escoto etc. Mas, dentre todos, destacam-se Agostinho, na Patrística e Tomás de Aquino, na Escolástica.

2.2. Filosofia Cristã: Por que ser cristão? - o Cristianismo no seu início, no tempo ainda das perseguições, precisava **defender a fé, fazer a sua apologia**. Foram importantes Justino, Clemente de Alexandria, Orígenes e Tertuliano. Quando acabou a perseguição e com a declaração do cristianismo como religião oficial estava se iniciando uma fase da história da filosofia ocidental que se confunde com a filosofia da cristandade. Faz-se necessária **a explicação racional da fé** para os povos que viviam sob o domínio do Império Romano. Esse longo período que vai do século IV ao fim da Idade Média é dividido em duas grandes correntes filosóficas: **Patrística** (com Agostinho) e **Escolástica** (com Tomás de Aquino).

2.3. A Patrística – essa corrente de pensamento recebe o nome de patrística por ser a filosofia dos “padres” da Igreja. Os primeiros filósofos do cristianismo não viam necessidade de explicar racionalmente a fé. Para eles, bastaria ter fé. A filosofia só atrapalharia a crença. **“Credo quia absurdum”** seria o resumo do pensamento de Tertuliano, por exemplo. “Creio porque é absurdo”, pois se não fosse absurdo, não haveria necessidade da fé. Bastariam os sentidos ou a razão.

2.3.1. AGOSTINHO



Agostinho
(354 – 430)
Norte da África
- explicar a fé
racionalmente

Santo Agostinho vive exatamente no início do período em que o cristianismo é declarado religião oficial do Império Romano. Agora torna-se necessário convencer os povos do Império de que o cristianismo tem uma razão de ser. Além de anunciar o evangelho para provocar a conversão e de catequizar para sustentar a fé, é preciso justificar, explicar racionalmente as verdades dessa fé. Ele, que nasceu na pequena cidade de Tagasta, na Numídia, norte da África, era filho de Mônica, uma fervorosa cristã. Tendo aprendido retórica, Agostinho perambulava pelas filosofias e pelos prazeres da vida, tentando encontrar uma resposta que o satisfizesse. Amante da oratória, tendo Cícero por modelo, ele sente-se atraído pela fama do grande orador Ambrósio, Bispo de Milão. Ouvindo seus sermões Agostinho converte-se ao cristianismo, é batizado, ordenado sacerdote e é aclamado Bispo de Hipona, onde fica até sua morte.

Nas trilhas da filosofia de Sócrates e Platão, Agostinho propõe a busca da Verdade que

Influência de Platão: A Verdade está dentro do homem	já está dentro do homem: “nosce te ipsum”, conhece-te a ti mesmo. A Verdade já está dentro do homem e essa Verdade é Deus, pois cada homem é um Templo do Espírito Santo. A verdade de Deus é a medida de todas as coisas. E o homem atinge essa verdade por dois caminhos: revelação e iluminação interior.
O espírito é o Bem, o corpo é o Mal	Influenciado por Platão e pelo maniqueísmo (o mundo é uma disputa entre os contrários), Agostinho exalta o espírito e despreza o corpo, confundindo o espírito com o bem e o corpo com o mal. Isso terá grande influência na moral cristã que condena os “pecados da carne”.
O livre arbítrio: a luta interior para praticar o bem.	Enquanto para os gregos a moral era uma virtude da razão, para Agostinho a moral é fruto da vontade livre (livre arbítrio). Homem bom, para os gregos, é aquele que sabe e conhece. Para Agostinho é aquele que ama e pratica o bem. E, para praticar o bem, o homem necessita do auxílio da Graça de Deus. Ninguém melhor que Agostinho colocou o drama humano na luta do bem contra o mal. <i>Era eu que queria e eu que não queria: era exatamente eu que nem o queria plenamente, nem o rejeitava plenamente. Por isso, lutava comigo mesmo e dilacerava-me a mim mesmo.</i> Em outra passagem, diz Agostinho: <i>eu faço o mal que não quero e não faço o bem que quero.</i> Atingir a liberdade para ele seria praticar apenas o bem, não ter mais inclinação para o mal: <i>libertas vera est Christo servire</i> (a verdadeira liberdade é servir a Cristo). A essência do homem é o amor . Agostinho afirma categoricamente: <i>ama et fac quod vis</i> (ama e faz o que quiseres). É claro que se subentende o seguinte: aquele que ama só faz o bem.
A cidade de Deus e a cidade dos homens: peregrinos no mundo.	- <i>A cidade terrena é a cidade daqueles que vivem segundo o homem; a outra é a daqueles que vivem segundo Deus.</i> Para Agostinho, a cidade dos homens, inclusive o Direito, deve se alinhar à cidade de Deus. Acima do Direito dos Homens estão os mandamentos de Deus e de sua representante na Terra, a Igreja. Os homens, criados por Deus e destinados a Deus, são apenas peregrinos nesta terra. O Direito dos homens é o Direito dos Peregrinos. O importante, no fim dessa peregrinação, é preparar-se para a chegada no Santuário Divino da Eternidade.
Pesquisas na Internet	Sobre a patrística, leia http://www.mundodosfilosofos.com.br/patristical.htm Sobre Santo Agostinho, leia http://www.mundodosfilosofos.com.br/agostinho.htm http://www.osa.org.br/cursos/Agos2.doc
Leituras: Leia Confissões de Santo Agostinho	A Editora Paulus em convênio com a FABRA (Federação Agostiniana do Brasil) já publicou as seguintes obras de Santo Agostinho: <i>A Trindade, O Livre Arbítrio, Confissões, Comentário aos Salmos volume 1,2 e 3. Solilóquios e Vida Feliz</i> <i>A Graça (I) : O Espírito e a letra; A natureza e a graça e A graça de Cristo e o pecado original.</i> <i>A Graça (II) : A graça e a liberdade; A correção e a graça; A predestinação dos santos; O dom da perseverança.</i> O convênio abrange a publicação das Obras completas. Sobre Santo Agostinho, há uma pequena introdução na coleção de Paul Strathern, editada pela Jorge Zahar, intitulada <i>Santo Agostinho em 90 minutos</i> . Leitura mais aprofundada: <i>Para ler os medievais</i> : ensaio de hermenêutica imaginativa, de Marcia Sá Cavalcante Schuback, editado pelas Vozes de Petrópolis no ano de 2000.

2.4. ESCOLÁSTICA: TOMÁS DE AQUINO



Tomás de Aquino:
-1221-1274-

Tomás, filho do conde de **Aquino**, nasceu em Roccasecca, no sul do Lácio (próximo a Roma), em 1221. Sua família queria que ele fosse Abade em Montecassino (pois o abade era um grande feudatário), mas ele preferiu ingressar na Ordem dos Dominicanos, que eram frades mendicantes (com voto de pobreza). A família chegou a prendê-lo na torre do castelo, mas ele conseguiu fugir. Procurou Alberto Magno na Colônia, tornou-se seu discípulo. Foi professor na Universidade de Paris, de 1252 a 1259.

Era o auge da Cristandade. A Igreja tinha o poder em toda a Europa. Ela era uma grande Senhora Feudal. Papas coroavam Reis. A Igreja tinha exércitos e declarava guerras, guerras santas.

Nesse contexto, Tomás de Aquino dedica sua vida a explicar racionalmente a fé cristã. Mas ele não termina sua grande obra, a *Summa Theologiae*. No fim da vida, diante da possibilidade de contemplar Deus, face a face, ele diz: *omnia quae scripsi videntur mihi paleae* (tudo o que escrevi não é mais que palha).

A filosofia desse período é chamada de **Escolástica** por ser ensinada e discutida nas “**escolas**” fundadas pela Igreja na Idade Média.

Escolástica

Fundamentos racionais da fé cristã.

Tomás de Aquino, no século XIII, procurou colocar os fundamentos racionais da fé cristã, uma fé que busca ser entendida pela razão. Aquino acreditava que uma fé brilhantemente defendida pela razão levaria todas as pessoas a aceitá-la. Era uma questão de lógica. Na Summa contra Gentiles ele diz: “*Os maometanos e os pagãos não concordam conosco na aceitação da autoridade de qualquer Escritura que possamos usar para os refutar, do modo como podemos discutir com os Judeus fazendo apelo ao Velho Testamento, e com os hereges, fazendo apelo ao Novo Testamento. Estas pessoas não aceitam nem um nem outro. Daí, termos de recorrer à razão natural, em que todos os homens são forçados a concordar*”. Sua visão da fé é apologética. Aquino vai fazer esse caminho amparado pela filosofia de Aristóteles. Dentro de uma tradição aristotélica, para Aquino, a causa eficiente e final de todas as coisas é Deus e, assim como Aristóteles chegou à noção do primeiro motor, pelo uso da razão, ele procura chegar à prova da existência de Deus pelo mesmo caminho.

5 Vias racionais para provar a existência de Deus

1. Motor imóvel – tudo que se move é movido por alguém; como é impossível uma cadeia infinita de motores, pois do contrário nunca se chegaria ao movimento presente, então deve existir um primeiro motor que tudo moveu, mas que não foi movido por ninguém.

2. Causa incausada – a todo efeito corresponde uma causa; como é impossível uma cadeia infinita de causas, deve existir uma primeira causa que não foi causada por ninguém.

3. Ser necessário – existem seres que podem ser e não ser (contingentes); absolutamente todos os seres não podem ser contingentes, pois do contrário não existiria o mundo; deve existir ao menos um ser necessário, que fundamente a existência dos demais seres.

4. Ser perfeito – verificamos que há graus de perfeição nos seres, segundo um mais e um menos; a graduação pressupõe um padrão de máximo; deve existir um ser que

possua todas essas perfeições em grau máximo, sendo a Causa da Perfeição dos demais seres.

5. Inteligência ordenadora – verifica-se que existe uma ordem no Universo; toda ordem é manifestação de uma inteligência; deve existir um ser inteligente que criou ordenadamente o Universo.

Motor Imóvel, Causa Incausada, Ser Necessário, Ser Perfeito e Inteligência Ordenadora = DEUS

(Manual esquemático de História da Filosofia, de Ives Gandra Martins Filho, p. 93)

O Direito tem origem divina.

O autor da lei natural é Deus e a lei humana não pode contrariá-la.

"Assim como Deus estabeleceu as leis que regulam o movimento dos corpos, determinou as leis que regulam a conduta do homem"

"Se contrário a direito natural, tudo o que for admitido pelo costume ou pelas leis deve ser considerado falso ou nulo"

Para Tomás, há 4 formas de leis:

1. **Eterna** - razão divina que governa o mundo.
2. **Natural** - participação do homem na lei eterna, através da razão.
3. **Humana** - o homem regula sua conduta e deve estar de acordo com a lei natural.
4. **Divina** - mandamentos, evangelhos... Explicitação para orientar a conduta humana.

Escravos, obediência e trabalho

Na questão da **obediência** à autoridade e na questão dos **escravos**, Tomás de Aquino, como sempre, segue Aristóteles e a Bíblia: *"todo poder vem de Deus e em seu nome será exercido"*. A submissão à autoridade e a servidão aos senhores são exigências naturais, ou seja, fruto da vontade de Deus. Pois é mais útil, para os próprios servos, submeter-se e servir àqueles a quem Deus deu mais talentos para bem comandar, do que se entregar às próprias paixões, o que levaria à desordem, prejudicial a todos. Dentro dessa visão, Aquino justifica inclusive o açoite dos filhos, dos subalternos e dos escravos. **Trabalho** é fruto do castigo: *"Ganharás o pão com o suor do teu rosto"*. Mas pode ser fonte de elevação do homem, se for executado com paciência, com amor, colaborando com a obra da criação: *"O trabalho dignifica o homem; é preciso estar sempre atarefado, pois o ócio é o pai dos vícios, o demônio ocupa os desocupados...!"* Que utilidade para o exercício da dominação!

Tomás cristianiza Aristóteles.

Umberto Eco, no Elogio a Santo Tomás de Aquino, diz: *"...Fique claro que Tomás não aristoteliza o cristianismo, mas cristianiza Aristóteles. Fique claro que nunca pensou que com a razão se pudesse entender tudo, mas que tudo se compreende pela fé: só quis dizer que a fé não estava em desacordo com a razão, e que, portanto, era até possível dar-se ao luxo de raciocinar, saindo do universo da alucinação.... Tomás simplesmente fornece à Igreja um sistema doutrinário que a concilia com o mundo natural."* A fé não está em contradição com a razão.

Pesquise na Internet

Navegue em português, conhecendo um pouco mais da vida e do pensamento de Tomás de Aquino.

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/aquino.htm>

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/aquino2.htm>

Navegue também num site em Espanhol, com muita ilustração sobre a vida de Tomás de Aquino.

<http://stthaquinas.8m.com/index.htm>

Bibliografia

Boa e resumida obra para conhecer um pouco mais de Tomás de Aquino:
Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé. Obra de José Silveira da Costa, na coleção Logos da Editora Moderna.

3. Vocabulário

Procure em dicionários da língua portuguesa e dicionário filosófico o significado de **Fé** e de **Razão** e relacione os dois conceitos a partir do estudo deste texto sobre a Filosofia Cristã.

4. Questionamentos

4.1. *Creio porque é absurdo. Se não fosse absurdo, não haveria necessidade da fé. Você concorda com essa afirmação?*

4.2. *O mesmo Deus que criou o homem estabeleceu as leis naturais. Portanto, conhecer as leis naturais é conhecer as leis de Deus. E as leis positivas, feitas pelos homens criados por Deus, devem estar de acordo com as leis naturais.*

Vamos fazer uma discussão em classe, a partir dessas afirmações, acrescentando mais uma questão: *existe uma natureza humana ou existem homens em culturas diferentes, em diversos graus de perfeição?*